

OS TRÊS REIS MAGOS

peça de Natal de Oberufer

Versão para o português de
Ruth Salles

NOTA SOBRE AS PEÇAS DE NATAL DE OBERUFER

Karl Julius Schröer (1825-1890), professor de literatura alemã e pesquisador de tradições populares, soube que na Hungria, numa ilha do Danúbio chamada Oberufer, camponeses descendentes de alemães representavam peças natalinas de origem antiquíssima, tal como eram representadas nos fins da Idade Média, com espírito de muita sacralidade. Schröer fez uma pesquisa cuidadosa e publicou-a quando tinha apenas 33 anos. Tendo sido professor de Rudolf Steiner, falou-lhe sobre essas peças. Reconhecendo sua importância, Rudolf Steiner passou a apresentá-las em várias ocasiões de festividades natalinas, tornando-se tradicional encená-las todos os anos no Goetheanum, e depois nas escolas Waldorf e em outras comunidades antroposóficas. Foi mantido o aspecto ora grave ora humorístico e a linguagem poética muito simples dos primitivos camponeses que as representavam. Steiner dividiu em duas a peça do “Nascimento”: a primeira, “O Nascimento de Cristo”, contém apenas o que tinha relação com o evangelho de Lucas (que só fala dos pastores, e não dos Reis Magos); a segunda, “Os Três Reis Magos”, contém a parte relacionada com o evangelho de Mateus (que só fala dos Reis Magos e não dos pastores). Ainda consta do grupo a peça “O Paraíso”, que fala de Adão e Eva e que era representada depois. Rudolf Steiner recomendava que a peça dos Reis Magos, por falar da matança dos inocentes, só fosse assistida por crianças acima de 10 anos de idade. No entanto, depende dos professores fazer alguma adaptação desse trecho, caso resolvam encená-la.

Na Escola Rudolf Steiner, onde meus dois filhos mais novos eram alunos, assisti muitas vezes as peças do Nascimento e do Paraíso. Meu filho mais velho chegou, uma vez, a fazer o papel de um dos pastores, pois durante algum tempo foi professor de Educação Física na Escola. Assisti também a peça dos Reis Magos na Clínica Tobias. Em 1973 me foi pedido que fizesse a recriação dos versos da peça dos “Reis”, em 1983 a dos versos do “Paraíso”, e em 1985 a dos versos do “Nascimento”, numa linguagem poética bem simples. Foi para mim uma grande alegria poder participar desse trabalho tão importante.

Para quem quiser ter uma visão profunda e completa a respeito do assunto, aconselho a leitura do texto de Sonia Setzer “As Peças Natalinas de Oberufer”, no qual me baseei para explicar um pouco melhor o que eu aprendi a respeito por ter trabalhado na recriação. Sonia Setzer foi médica da Escola Waldorf Rudolf Steiner por bastante tempo, e me lembro bem de vê-la várias vezes na representação da peça do Nascimento, inclusive como Virgem Maria.

Ruth Salles

OS TRÊS REIS MAGOS

A COMPANHIA: O anjo Gabriel, o rei Melquior, o rei Baltazar, o rei Gaspar, o Pajem, Maria, José, Villigrazia, o rei Herodes, o Lacaio, o Capitão, o Soldado, os três judeus: Caifás, Pilatos, Jonas (Judas) e o Diabo. Todos estão sentados em bancos, no fundo. O anjo Gabriel adianta-se:

ANJO GABRIEL:

- Sem querer ofender, aqui dou entrada.
uma boa noite venho desejar,
uma boa noite, uma hora abençoada,
que o Senhor dos Céus nos vai presentear.
Honrados, sábios, generosos cavalheiros,
virtuosas senhoras e jovens donzelas,
não vos zangueis, escutai primeiro,
por poucos momentos esta história singela.
O que hoje aqui será apresentado
não é mito por pagãos inventado,
nem poesia por nós imaginada,
mas está na Escritura Sagrada;
a qual fala dos sábios do Oriente,
que são conhecidos mundialmente.
Eles fizeram longuíssima viagem
como todos os peregrinos bem sabem;
em Jerusalém um dia entraram
e pelo menino nascido perguntaram.
Isso aborreceu profundamente Herodes,
que ordenou sem demora aos seus sacerdotes
que verificassem na Escritura Sagrada
o que tudo aquilo significava.
E agora, se quiserdes ouvir sossegados,
guardai silêncio e ficai calados.

(O Anjo senta-se com a Companhia. O Diabo traz a cadeira do Rei Melquior e a limpa com todo o cuidado. Em seguida, o Anjo se ergue com a estrela e se coloca à direita da cadeira. O Pajem se dirige ao Rei e faz uma medida. O Rei vai até a cadeira, acompanhado pelo Pajem. O Rei se adianta e fala):

REI MELQUIOR:

- Vai, Pajem, corre, traz aqui num momento
meu compasso graduado e demais instrumentos;
Vênus conjugada com o Sol está à vista,
mas de uma forma totalmente imprevista.
Não te esqueças da glória celeste;
brilha uma estrela, uma estrela nova aparece.
Que enorme esplendor e que luz tão bela!
De onde será que procede essa estrela?
Não muito longe ela está cintilando...
Algum mistério deve estar indicando.
Vejo uma jovem, bem no centro dela,
trazendo nos braços uma criancinha
que brilha muito, muito mais que a estrela.
Oh, a sua frente, que luz irradia!

(O Anjo anda pelo palco com a estrela.)

Ela não se detém. Seu lugar vai mudando,
e cada vez mais rápido vai caminhando.
E o menino nos braços da jovem,
eu posso ver que ele sempre se move.
Ó Pajem, corre, chama o matemático,
para que nos explique este milagre fantástico.
Para nós é difícil dizer por que motivo
a jovem carrega o menino consigo.

PAJEM:

- Cumpro vossa ordem, magnânimo Rei.

Logo Villigrazia aqui vos trarei.

REI MELQUIOR (a Villigrazia que chega, carregando um grande livro):

- Villigrazia, podes me dizer o que significa essa estrela?

VILLIGRAZIA:

- Magnânimo Rei, eu de fato nada sei sobre ela.

Consultarei os profetas neste grande livro

para ver o que pode ser então deduzido.

(folheia rapidamente o enorme livro)

Alude a isso o profeta Isaías.

São estas as palavras que o livro contém:

Brevemente um grande rei, o Messias

do Céu e da Terra, nascerá em Belém.

REI MELQUIOR:

- Eu acho que as palavras dessa profecia

já se cumpriram lá em Belém,

e agora penso muito no que eu poderia

levar de presente para o novo rei.

Ouro! Sim ouro é o que eu deveria

levar, pois o ouro é sempre digno de um rei.

E, já que é um Rei do Céu e da Terra,

espero obter graça diante de seus olhos.

- Vamos, Pajem, todo o teu esforço emprega

para que iniciemos nossa viagem logo.

- Villigrazia, confio-te agora o meu reinado,

durante todo o tempo em que eu estiver afastado.

(O Rei Melquior e o Pajem se retiram e vão-se juntar à Companhia. Villigrazia vai também, em seguida. O Diabo, então, salta novamente para perto da cadeira do Rei, arranja-a muito bem e a limpa várias vezes. O Rei Baltazar senta-se na cadeira, depois se adianta e fala.)

REI BALTAZAR:

- Hoje fiquei sabendo, pelos criados da corte,
que um grande milagre sucedeu esta noite.
Resplandece no céu uma nova estrela,
e vê-se uma virgem bem no centro dela
e, com ela, o Rei do Céu e da Terra. Penso
que a dádiva para esse rei deve ser o incenso.
Uma criancinha tão linda e delicada
por tão grande milagre assim arrebatada!
(O rei se aproxima da ribalta.)
Ide todos ver a estrela que traz o novo rei!
Saí para as ruas, e o milagre vereis,
tal como para mim ele foi relatado,
tal como me contaram meus fiéis criados!
(Senta-se de novo e fala)
Oh, maravilha! Nunca se ouviu coisa igual!
E esse milagre é uma história real:
uma donzela é virgem e mãe num só momento,
e seu filhinho é um rei rico e pobre ao mesmo tempo!
A estrela indica Belém. Para lá ela nos conduz.
Todos devemos partir no caminho de sua luz.
Mas não sei decifrar o mistério que no grande livro se leu:
que sem homem nasceu o menino que será o rei dos judeus.
(Levanta-se de novo.)
De manhã bem cedo, assim que o sol surgir,
em busca do menino deverei partir.
(O Rei Baltazar se afasta e se junta à Companhia. O Diabo volta, arranja a cadeira para o Rei Gaspar, fazendo micagens. O Rei Gaspar se adianta e fala.)

REI GASPAR:

- Oh, grande milagre! Oh, suprema alegria!
Pois finalmente chegou o dia
em que nasceu o esperado Messias,
da virgem escolhida, segundo as profecias.
Essa estrela é o sinal do nascimento;
devemos olhá-la com todo o respeito.
É verdadeira a história que ela nos anuncia
e que os judeus tomavam por mera fantasia.
Mas qual seria a mais agradável oferta
ao menino? Se do Céu e da Terra ele é o Rei,
será mirra o presente que eu lhe levarei.
Sim, é mirra a oferenda certa
com que espero ser digno do Menino Rei.

(O Rei Gaspar se afasta e se reúne à Companhia, que anda em procissão pelo palco, cantando.)

COMPANHIA:

“Que linda estrela no céu a brilhar!
Decerto vem nos avisar:
Nasceu o Rei do Mundo!
Ó magos, caros magos meus,
dizei como vos ocorreu
mistério tão profundo!
A estrela refulgindo,
muito alegres vão seguindo
para ver esse Rei Menino.”

(O Anjo coloca-se de novo em seu lugar na frente, à direita. O Pajem vai buscar o Rei Melquior. Quando o Rei está sentado em sua cadeira, o Pajem corre para ver os outros dois Reis que se ergueram de seus lugares; depois volta e conta ao Rei Melquior o que viu. O rei já está se levantando para a viagem.)

PAJEM:

- Ó Rei, estrangeiros estão a chegar,
e em tão grande número que não posso contar.
Parece que seguem um rei de grande majestade
que comanda livremente, com toda a autoridade.

REI MELQUIOR:

- Está bem. Eu daqui partirei,
mas decerto com eles me encontrarei.

(Os dois outros Reis se aproximam do Rei Melquior. Gaspar à direita, Baltazar à esquerda.)

REI MELQUIOR:

- Eu vos saúdo, prezados senhores.
Quais são vossos intentos e vossos sentimentos?

REI BALTAZAR:

- Eu também vos saúdo, meu caro, mas dizei:
Com tanta pompa, para onde ireis?

REI MELQUIOR:

- Eu agradeço vossa saudação.
É Jerusalém a minha direção.

(Os três reis se reúnem e se põem a caminhar em sua viagem.)

REI GASPAR:

- Oh, tende a bondade de dizer
o que em Jerusalém pretendeis fazer.

REI MELQUIOR:

- Está claramente escrito em Isaías
que um lindo e pobre menino deveria
vir a nascer lá em Jerusalém,
para do céu e da terra ser o rei.
Foi a estrela que nos revelou
o modo misterioso como tudo sucedeu,
pois no período de tempo que passou
o menino anunciado nasceu.

REI BALTAZAR:

- Na verdade vos posso dizer
que, em nossa terra, vimos o mesmo acontecer:
surgiu no céu uma estrela
e uma virgem e o menino dentro dela.
Virá assim à luz do dia
o mistério que estava oculto aos gentios?

REI GASPAR:

- Foi isso também que me pôs de partida,
o grande milagre então acontecido.
Para encontrar aquele que é tão desejado,
nem meios nem recursos devem ser poupados.

(Enquanto o Rei Melquior fala, o Anjo anda à frente dos reis.)

REI MELQUIOR:

- Mas, como parece que a estrela nos vai deixar,
a qual, como um sinal, vimos brilhar,
e como desconhecemos caminhos e estradas,
acho que não devemos confiar em nada.
Pois tudo nesta terra nos é desconhecido,

as ruas e as estradas por onde sigo.
Esta viagem vamos pois interromper
e na cidade de Jerusalém entremos.
Ali talvez melhor nos informemos
desse mistério que está a suceder.

(O Pajem, nesse entretempo, voltou à Companhia. Conduzidos pelo Anjo, os três Reis cantam:)

TRÊS REIS (cantam):

“Vão indo os Reis Magos, a estrela vai também.
Os três ela guia até Belém.
Num pobre lugar parou sua luz
bem onde nasceu Jesus.”

(A Companhia se junta aos Reis. Todos cantam.)

A COMPANHIA (canta):

“Do Oriente os Magos vêm
e chegam a Jerusalém.
É onde Herodes é o rei dos judeus.
Bem perto o Cristo já nasceu.
Então os Magos, todos três,
já perguntam logo de uma vez
onde o novo rei nasceu
que vai ser o rei dos judeus.”

(Quando a Companhia se senta, o Diabo, de um salto, retira a cadeira dos reis. Depois arrasta com grande ruído o trono de Herodes até o centro do palco e o limpa muito bem. Com Herodes, erguem-se também o Anjo e os Três Reis, que permanecem diante de seus lugares. Herodes se adianta com o Lacaio e fala.)

HERODES:

- Ai daquele com quem fico zangado!
O Conselho dos Judeus do meu reino,
com todos os magistrados,
religiosos e leigos,
ordenaram e fizeram cumprir a lei
para que desta terra eu fosse o rei.
Hoje nossa justiça será exercida.
Jovens e velhos serão ouvidos.
Todos devem se apresentar
em meu salão de audiência,
onde estaremos a esperar.
- Lacaio! Alguém bate à porta com insistência!

LACAIO:

- Magnânimo Rei, são multidões
incontáveis, que vêm de outras nações.
Há muitos senhores e há reis também.
Não sei quais são as intenções que têm.
Vêm vestidos com ricas roupagens;
com orgulho e pompa chegam de viagem.

HERODES:

- Pergunta quais são as suas nações
e quais são suas intenções.

LACAIO (dirige-se aos Reis):

- Meus senhores, Sua Majestade
quer saber porque entrastes nesta cidade;
quer saber a que estirpe pertenceis
e porque de tão longe viestes os três.

REI MELQUIOR:

- De casa real nascemos todos:
dois vêm de Sabá, e o terceiro da terra dos mouros.
O Rei Herodes queremos saudar,
desde que isso não o vá incomodar.

LACAIO (a Herodes):

- De casa real nasceram todos:
dois vêm de Sabá, e o terceiro da terra dos mouros.
O meu Rei Herodes eles querem saudar,
desde que isso não o vá incomodar.

HERODES:

- Dize-lhes que desejo sua presença.
Que venham todos ao salão de audiência!

LACAIO (aos três Reis Magos):

- Meu magnânimo rei vos receberá
e quer saber o motivo que vos trouxe até cá.

(Os três Reis Magos se aproximam de Herodes.)

HERODES:

- Caros senhores, o que está para acontecer,
para que de tão longe me viésseis ver?

REI GASPAR (aproxima-se):

- Pedimos desculpas ao amado rei.
Com poucas palavras eu responderei.
Em nosso país, lá em Sabá,
uma estranha e nova estrela surgiu a brilhar.
Dentro dela há uma virgem com um menino nos braços.

Prestai atenção à revelação que faço:
por meio da estrela agora sei que em Belém
chegou o Messias e nasceu como um rei;
a ele os judeus se devem submeter,
e é a ele que buscamos e que tencionamos ver.

HERODES (consigo mesmo):

- Foi na minha terra que isto aconteceu,
e os estrangeiros estão mais informados que eu?

HERODES (aos Reis Magos):

- Parti neste instante sem tardança,
já que não está aqui essa criança.
Procurai-a bem e, ao encontrá-la,
depois de adorá-la e presenteá-la,
sem mais demora mandai-me avisar,
pois eu também a quero adorar.
Senhores, eu vos peço, fazei-me este favor,
e então a esse menino levarei meu louvor.

REI GASPAR:

- Assim que o encontrarmos, prezado rei,
a notícia aqui vos trarei.

(Os três Reis Magos se reúnem e seguem seu caminho. O Anjo caminha à sua frente pelo palco e depois se coloca do outro lado, à direita.)

REI MELQUIOR:

- Vamos! Saíamos de Jerusalém!

REI BALTAZAR:

- Olhai! Sobre nós já vem
a estrela que no Oriente vimos
e na qual reconhecemos o Menino.

(Os Reis Magos dirigem-se até o Anjo; este os reconduz a seus lugares na Companhia.)

HERODES (ao Lacaio):

- Com tal notícia, bem assustado fiquei,
pois sou estrangeiro e não sou o legítimo rei.
Lacaio, vai chamar os escribas e os sacerdotes.
Vai! Obedece a teu rei Herodes!
Quero saber onde vai nascer
o novo rei a que o povo judeu se deve submeter.

LACAIO:

- Magnânimo rei, vossa ordem já ouvi,
e agora mesmo me disponho a partir.
Os sumos sacerdotes hei de trazer aqui,
mesmo que tenha de buscá-los por todo o país.

(Caifás, Pilatos e Jonas se adiantam de súbito. Seus gestos são vivazes. Os três estão em contínuo movimento. Caifás aponta sempre para si mesmo quando diz a palavra “eu”.)

CAIFÁS:

- Caríssimo senhor, eu, Caifás,
eu acho que com toda a razão estais.
Eu, sem dúvida, revelarei o que quiserdes,
eu, sem dúvida, revelarei o que quiserdes,
se Vossa Majestade real
não o levar a mal.

HERODES:

- Falai, senhor, que sereis perdoado,
se eu não gostar do que for revelado.
Não me zangarei
e vossos conselhos seguirei de bom grado.
Se assim não fosse, eu não vos teria chamado.
Sobre tudo isto o que pensais? Dizei!

CAIFÁS, PILATOS e JONAS (falam juntos):

- Magnânimo rei, eu logo vos direi:
No país dos judeus, na cidade de Belém
– com toda a clareza está escrito
pelo mestre dos salmos em seus versículos –
o filho de uma virgem será vitorioso
sobre os inimigos e sobre todo o povo revoltoso.
Muitos povos seguirão a seu lado,
querendo em seu nome ser abençoados!
Ele será chamado Emanuel,
como claramente escreveu Ezequiel:
pois manteiga e mel ele comerá
e, escolhendo o bem, o mal esquecerá.

HERODES:

- Como pode tal coisa acontecer:
um menino de uma virgem nascer?

CAIFÁS:

- A semente da mulher pisará a cabeça da serpente;
e tudo que estava perdido ele trará de volta.

HERODES:

- Um rei de grande majestade
falou-me com toda a sinceridade
e disse: “É em Belém – nós ouvimos dizer –
que nosso consolo e salvador vai nascer.
Um príncipe justo e pastor verdadeiro
que a todos nós irá reger.”
Gostaria de ter a certeza,
pois vos digo com toda a franqueza:
meu reinado corre agora grande perigo.
É plena verdade o que vos digo.

CAIFÁS:

- Senhor, não deveis entender
que vosso reinado se há de perder.
Esse que rei se chamará
nenhum poder terá.
Será condenado e morto
e servirá de escárnio ao povo.

HERODES:

- Seria melhor que nos antecipássemos
e já na infância a vida lhe tirássemos.

PILATOS:

- Senhor, acalmai vossos pensamentos
e aguardai mais um pouco os acontecimentos,
até que voltem os sábios do Oriente
e confirmem o que ocupa nossas mentes.

HERODES:

- Temo que a notícia corra veloz
e que os judeus saibam o que ouvimos nós:
que aos pastores do campo surgiu um anjo,
a boa nova lhes anunciando:
que um novo rei nasceu.
Dizei, Jonas, onde nasceria
o rei que reinará sobre o povo judeu?
Que dizem as profecias?

JONAS:

- Dizem que é Cristo o rei escolhido,
e na cidade de Belém terá nascido.
Na terra da Judeia fica essa cidade.
É o que dizem os profetas, em verdade.

CAIFÁS e PILATOS (repetem os dois últimos versos nos ouvidos de Herodes.):

- Na terra da Judeia fica essa cidade.
É o que dizem os profetas, em verdade.

HERODES:

- Sim, estou ciente.
Já ouvi de vós o suficiente.
Ide! E do que aqui foi dito ninguém deve falar.
E vou procurar descobrir o que há.

(Caifás, Pilatos e Jonas se retiram de costas, inclinando-se, e se reúnem à Companhia.)

HERODES:

- Em minha mente vou ponderar
como o sangue do menino vou derramar.

O DIABO (ri, de onde está):

- Hi hi hi, hé, hé, hééé'!

HERODES:

- Assim ri o Diabo no inferno onde está.

De minha aflição estará a zombar?

Desgraça maior não me podia acontecer.

Preferia mil vezes morrer.

Que devo fazer? Que devo dizer?

Não há esperança de mudança.

Ai, que desespero! Antes morrer primeiro,

do que chegar a uma miséria tal!

Vão roubar minha coroa real! (põe as mãos na cabeça)

Não sei o que faça. Ninguém vem me ajudar?

Seja espírito ou gente, eu prometo escutar

e prometo também obedecer.

Ei! Ninguém me pode socorrer? (oscila em sua cadeira e se deixa escorregar)

Ai, ai, quem vem me socorrer?

DIABO (aproxima-se agachado e fala diante de Herodes):

- Que é? Que é que há? Que foi que te aconteceu?

Oh, eu nunca te abandono! Que é que te faz sofrer,

para que te queixes tão alto a gemer?

HERODES:

- Eu acho que de pavor morrerei,

agora que nasceu o novo rei

para reinar sobre o povo judeu.

Que fará um pobre diabo como eu?

DIABO:

- Pscht!... Cala-te, pois também sou um diabo

e não vou abandonar outro diabo.

Quero ajudar-te a cumprir teu dever.

O novo rei que acaba de nascer

não poderá escapar de nossas tramas.

Eu amo esse rei assim como tu o amas.

Eu vou dizer o que farás.

Trata de armar-te e não voltes atrás.

HERODES:

- Oh, companheiro, que medo eu tenho nesta hora;

ter de apunhalar um, dois, três... me apavora,

por isso preciso me precaver

para a mesma coisa não me acontecer.

Decerto não serei poupado,

se tanto mal eu tiver realizado.

DIABO:

- Eu preciso te dizer já e já.

Se queres ser diabo, anota lá:

de mulheres e crianças não te debes apiedar;

sejam ricas, sejam pobres, só há que odiar;

não poupes nem mesmo o que ainda vai nascer;

os meninos de dois anos para baixo devem morrer.

(virando-se para a frente) - E eu, às escondidas, dou uma risada,

como a raposa ao pegar um ganso na caçada.

(para Herodes) - Prepara-te logo! Não esperes mais!

(para o público) - Eu me retiro em nome de Bix-Bax,

para perto dos meus, rauch e rabs.

(O palco escurece. Quando clareia de novo, Herodes está em seu lugar junto com a Companhia. A Companhia canta o primeiro verso de pé, parada, depois se põe a andar.)

A COMPANHIA (canta parada):

“A Deus louvemos
e nossa canção cantaremos!”

A COMPANHIA (canta e anda):

“Quando Herodes falou aos Reis,
partiram todos três.
A estrela brilha bem.
Conduz os Reis Magos até Belém.”

OS TRÊS REIS (cantam):

1.

“Jesus nasceu lá em Belém,
por nosso bem.
Alegra-se Jerusalém.
De júbilo louvemos nós
a Mãe e o Menino seu.
Que delicado ele é!
Que delicado ele é!
Cristo Senhor nos traz amor!
Cantemos em louvor!

2.

Na manjedoura ele está
deitado assim.
O mau poder chegou ao fim.
De júbilo louvemos nós
a Mãe e o Menino seu.
Que delicado ele é!
Que delicado ele é!
Cristo Senhor nos traz amor.
Cantemos em louvor!”

(Toda a Companhia senta-se de novo. O Diabo arrasta para fora o trono de Herodes e volta ao seu lugar. O Pajem leva o banquinho para Maria no centro, um pouco à direita. José e Maria vão para seus lugares. Então o Anjo e os Reis se erguem. O Anjo, com a estrela, atravessa o palco e se coloca de novo à frente. Os Reis começam a andar e falam.)

REI GASPAR:

- Não nos abandones, Senhor, eu suplico.

Ilumina nossos olhos aflitos

para que a morte não nos venha adormecer.

Guia-nos, Senhor, no correto caminho,

para que não erremos nosso destino.

Que teus mandamentos possamos saber!

REI MELQUIOR:

- Surgem dois caminhos bem perto.

Mas qual dos dois será o certo?

(O Anjo, ao ouvir as palavras do Rei Melquior, dirige-se com a estrela para perto de Maria e José.)

REI BALTAZAR:

- Vede! A estrela aqui ficou parada.

Vinde ver no estábulo a criança desejada!

Deus te salve, Virgem delicada.

É essa a Criancinha esperada?

MARIA (canta):

“O Santo Menino aqui está.

Envolto em trapinhos dormirá.”

(Os Reis se dirigem até a esquerda do primeiro plano.)

REI MELQUIOR:

- Vamos! Mostremos o que trouxemos.

Ouro, incenso e mirra é o que oferecemos.

(O Pajem se aproxima e toma os cetros das mãos dos Reis; em seguida entrega a eles suas oferendas. Depois fica ao lado, à esquerda, segurando os cetros dos Reis.)

REI MELQUIOR (canta; ou, se acharem melhor, cantam os três):

“Psallite unigenito,
Christo, Dei filio,
Psallite redemptori,
Domino puerulo,
jacenti in praesepio.”

TRÊS REIS (cantam, em recitativo meio falado, ou então simplesmente falam):

“Quem entra em primeiro lugar?”

REI GASPAR:

- Ao mais velho cabe a honra de entrar.

Antes de nós dois.

Entraremos depois.

REI BALTAZAR:

- Eu deixo a honra para quem a mereceu.

REI MELQUIOR:

- Não me furto à honra. Em primeiro lugar,
eu entrarei, em nome de Deus.

Ao Menino, um novo ano vou levar.

REI MELQUIOR (ajoelha-se diante de Maria e apresenta sua oferenda):

- Eu te saúdo, Menino pequeno.

Para te ver, longa viagem nós fizemos.

Deus seja louvado

Por termos te encontrado.

Venho ofertar-te ouro puro,

para que tua graça me cubra.

(a Maria e José):

Este Menino vós dois deveis venerar

e, como pais fiéis, o deveis educar.

Não tendes nada a lamentar, certamente.

Aceitai de bom grado este presente.

REI GASPAR (apresenta sua oferenda):

- Ó pequeno rei, ó herói tão nobre,

como escolheste morada tão pobre?

Encontrar-te num estábulo... eu nunca pensei;

é este o nobre salão de um rei?

Por uma estrela fomos conduzidos,

ó rei a quem toda a honra é devida.

Quero, cantando, glorificar-te,

com minha boca quero louvar-te

e a todo mundo anunciar-te.

Esta mirra, fruto de meu país,

é o presente, ó herói, que eu quis

oferecer-te. Aceita-a, senhor,

e sê também meu protetor

na verdadeira Belém a que aspiro.

E agora, em teu nome, eu me retiro.

REI BALTAZAR (oferece sua oferenda):

- Eu também vim, ó rei suavíssimo,
ó nobre herói de estirpe altíssima.
O meu anseio a ti me atraiu.
Uma estrela a ti me conduziu.
Aceita a oferenda: este bom incenso
é digno de um rei; assim eu penso.
Senhor, todas as vezes que eu vier a ti,
eu te peço, derrama a tua graça em mim.

JOSÉ:

- Caros senhores, Deus vos há de compensar,
pois em nossa pobreza nos viestes visitar,
e o que era vosso foi conosco dividido.
Sereis recompensados por este Menino:
tão rico em dádivas é o seu coração,
que Deus vos há de dar sua proteção.

MARIA (canta):

“Senhores, é de coração
que expresso a nossa gratidão.
Por vossos dons sois abençoados,
e vosso caminho retomado.”

REI GASPAR:

- Meu prezado José, pois bem,
seja-te confiado o Menino de Belém.
Não poupes fadiga nem cuidados.
Pelo Senhor serás recompensado.

REI BALTAZAR:

- Deus Todo Poderoso te proteja
de temores, aflições e tristezas.
Teu eterno Pai te há de guardar.
Agora devemos nos retirar.

(Os Reis Magos dirigem-se de novo para a frente. O Pajem leva-lhes os cetros, depois pega as oferendas e as coloca sob os bancos nos lugares de José e Maria.)

REI MELQUIOR (aos outros Reis):

- Agora a Herodes devemos revelar
onde o Menino ele pode encontrar.
No entanto, passemos a noite aqui,
pois a escuridão não tardou a vir.

OS TRÊS REIS (ajoelham-se e cantam dormindo):

“Eu na escuridão dormi...”

O ANJO (aproxima-se dos Reis por trás e fala):

- Ó Reis Magos do Oriente aqui estou.
Deus Todo Poderoso a vós me enviou,
para que eu vos revele os perigos
que deveis evitar, meus bons amigos.
Pelo caminho anterior não deveis passar,
pois ao Rei Herodes não podeis voltar.
Herodes, cheio de ódio, tem a alma transtornada.
Que Deus vos guie por outra estrada.

(Os Reis Magos despertam e falam.)

REI MELQUIOR:

- Eu tive um sonho tão estranho...

Pareceu-me ouvir o aviso de um anjo
dizendo que devemos evitar o rei Herodes,
pois o rei Herodes tem em mente
derramar o sangue dos inocentes.

REI BALTAZAR:

- Eu também ouvi as mesmas palavras
de um anjo que se acercou de nossa barraca:
que a ferro e fogo Herodes pretende
derramar o sangue dos inocentes.
- Herodes, se é tão grande tua maldade,
não mais voltaremos à tua cidade.

(Os três Reis cantam, enquanto o Anjo os reconduz a seus lugares na Companhia.)

OS TRÊS REIS (cantam):

“Os três Reis Magos lá da montanha partiram,
onde Jesus Menino viram,
Jesus Menino viram, viram, viram...”

O ANJO (aproximando-se de José):

- José, José, ó piedoso José,
foi Deus quem me mandou para falar contigo.
Presta muita atenção ao que eu te digo:
pega depressa Maria e o Menino bendito
e foge para o Egito.
Para a Judeia não deverás voltar
antes que eu te vá avisar.

JOSÉ:

- Quem imaginaria uma coisa dessas?

Oh, onde iremos em noite tão espessa?

Sem saber a estrada, como ir ao Egito?

E também há feras, e também há bandidos;
por todos os lados são grandes os perigos.

MARIA (canta):

“Deus, nosso guia, nos levará
e na reta via nos guiará.

Jamais nos vai abandonar.

Um anjo nos envia,
nos mantém na reta via.

Nosso burrinho vai pegar,
José, e vamos viajar.”

JOSÉ (levanta-se e fala):

- Temos de ir embora, casa benfazeja!

Pedimos a Deus que te proteja.

A ordem de Deus deve ser cumprida.

Por isso já estamos de partida.

MARIA (canta):

“Adeus! Adeus! Daqui vamos partir
e ao Egito nós devemos ir.”

(Maria e José sentam-se nos lugares do costume, junto à Companhia. O Pajem leva para lá a banqueta. O Diabo vem empurrando o trono de Herodes, coloca uma banqueta atrás do trono para o Anjo e põe um saquinho de dinheiro sobre o trono.)

HERODES:

- Apesar dos ricos presentes
que eu ia dar aos reis do Oriente,

e apesar do que havia prometido
ao novo rei recém-nascido,
sinto que estou sendo enganado por alguém.
Mentiram-me esses reis que de tão longe vêm,
e agora sinto um medo horrível dentro de mim.
Temo que meu reinado logo chegue ao fim.
Preciso tratar disto com todo o cuidado.
Se daqui a pouco os fatos não tiverem mudado,
como sobreviver? Eu penso sem cessar,
penso sem cessar dentro de minha mente,
de que modo o novo rei poderei agarrar;
qual será para ele o meu melhor presente?
Vou usar de astúcia com esse menininho,
como uma raposa a brincar com o franguinho.
Eu serei esperto. Eu terei muito tato.
Vou agir tal qual o gato com o rato. (pensa por uns momentos)
Mas agora me veio uma ótima ideia.
Muitas crianças terão de ser sacrificadas.
Eu darei a ordem aos meus soldados,
para que matem os meninos nascidos na Judeia.
Não me importa que as mães, em seu coração,
desejem minha morte e minha perdição!
Contanto que as coisas continuem no mesmo estado...
que eu não perca a vida nem perca meu reinado...

(Enquanto Herodes fala, Maria caminha vagarosamente pelo palco, ao fundo; depois vem para a frente, canta e volta de novo ao seu lugar.)

MARIA (canta):

“Ó grande rei, deves sempre fazer o bem,
senão tu sofrerás também.
Se os meninos desejas matar,
oh, pensa quanto mal irás gerar.”

(O Capitão e o Lacaio se aproximam. O Lacaio traz o édito.)

HERODES:

- Fora daqui, mulher insensata!
Não sabes que importantes fatos
estão prestes a ser realizados?
Se eu não tomar providências enérgicas,
meu reinado me será roubado!
Queres mandar mais do que a minha lei?
Isso não ficaria bem a um rei.
- Servos, agora todos vós ouvireis
o édito expedido por vosso senhor e rei.
Que por toda parte seja publicado,
e quem não o cumprir há de ser castigado.

CAPITÃO (lê o édito):

- Ordena Sua Real Majestade
que seja dada a morte
a todos os meninos de menos de dois anos de idade.
Nem dinheiro, nem propriedades
poderão impedir sua sorte.
Esta é a vontade de nosso rei.
Quem a desobedecer
será despojado de todos os seus bens
e deve morrer.

JONAS (aproximando-se de Herodes):

- Oh, que desgraça vai acontecer!

Que édito cruel para tantas famílias...

Sobre nossas vidas tem o rei todo o poder,
mas devemos deixar que mate nossos filhos?

HERODES:

- Este homem morrerá; não merece perdão.

Leva-o já para a prisão!

CAPITÃO (a Jonas):

- Celerado! Se ao rei desobedeceres,
perdes tua vida e teus haveres!

Não é melhor que morram os meninos
do que ficarmos todos reduzidos à ruína?

(O Capitão põe a ponta da espada na garganta de Jonas e se afasta com ele. O palco escurece. Ouvem-se gritos de desespero dos judeus. O palco se ilumina de novo.)

[Nota da autora da versão para o português: Caso a peça seja apresentada para alunos, sugiro que sejam puladas as falas violentas que se seguem, até novo aviso.]

HERODES:

- Vai, Lacaio, e traz aqui o mais leal
dos meus capitães. O melhor oficial.

(O Lacaio sai. Entra o Capitão, que traz um Soldado.)

HERODES:

- Meu leal Capitão, pega esta espada
e, com quatro mil homens bem armados,
vai por toda a região

matando os meninos sem compaixão.

Se te deixas subornar por dinheiro ou presentes,
condeno-te à morte sumariamente.

Mata de uma vez todos os meninos;
e eu te pagarei o dobro do soldo
e te recompensarei com o mais rubro ouro.

CAPITÃO:

- Majestade, está tudo entendido,
e alegro-me com a ordem por mim recebida.
Eu a cumprirei palavra por palavra
e, sem temor algum, prometo executá-la.
Desejo que se cumpra tudo que ordenastes.
Já estou impaciente e cheio de ansiedade.
Esses meninos, que eu possa logo encontrá-los.
Com esta espada eu hei de matá-los.
Alegro-me quando vejo o sangue correr:
meu coração mais depressa se põe a bater.
Ora, quando um casamento é festejado,
muitas vacas e vitelas também são sacrificadas.
Vem também, Lacaio, ajuda-me com tua espada!

LACAIO:

- Sim, Capitão, eu irei sem demora.
Golpes violentos eu darei quando for a hora.
Minha espada matará, e ninguém me vencerá.

CAPITÃO:

- Vejo uma multidão de servos e soldados;
acho que cumprirão o que foi ordenado.
Eu vos saúdo, ó rei. Podeis ficar tranquilo.
Farei verter o sangue de todos os meninos.

(Eles saem. Pausa no escuro. A Companhia ergue-se e olha, tensa, para os guerreiros. Quando estes voltam a seus lugares, a Companhia se sente horrorizada nos bancos. O Capitão se aproxima de novo do rei. Seguem-no o Soldado e o Lacaio, cada um com uma boneca nas mãos.)

CAPITÃO:

- Orgulhai-vos de mim, Majestade.

De uma só vez, matei cem mil e quarenta e quatro,
e depois mais oito. Podeis ficar tranquilo.

Nós vertemos o sangue de todos os meninos. (Ele volta à Companhia.)

SOLDADO:

- Oitenta mil foram quantos matei
em toda parte por onde andei.

Este foi o último a ser encontrado,
e – zás – já foi por mim decapitado.

(O Soldado atira a boneca aos pés de Herodes e volta à Companhia.)

LACAIO:

- Cumpri vosso édito, real Majestade.

Dois mil foram por mim assassinados
Este, enquanto mamava, feri-o com a espada.

(O Lacaio atira também a boneca diante de Herodes e volta à Companhia.)

HERODES:

- Agradeço aos senhores, meus três servidores.
Metade do meu reino será o vosso prêmio.

DIABO (aparece):

- Magnânimo rei, de novo aqui estou eu
e trouxe também alguns filhotes meus;

de minha paciência eles abusaram
e uma salsicha frita de meu bolso roubaram.
E, em vez de lhes dar um pedaço de pão,
eu os abati com minha própria mão. (O Diabo sai.)

[Nota da autora da versão em português: Aqui sugiro que cesse a interrupção.]

(O Capitão, o Soldado e o Lacaio voltam.)

CAPITÃO:

- Majestade, há um recado para vós a ser transmitido:
não encontramos o novo rei nascido.
Por seca e meca andamos a procurar,
e desse rei não ouvimos falar;
mas podeis crer que cumprimos nosso dever,
pois todos os meninos de menos de dois anos,
conforme vossa ordem, nós matamos.

HERODES:

- Como!? Então, se ninguém o viu,
é sinal de que daqui ele partiu..
Mais morto que vivo me sinto eu,
porque nasceu um novo Deus.
É melhor eu ir procurá-lo também.
Ah, se eu o encontrasse no estábulo de Belém!
Ai, ai, eu estou um caco;
eu estou hoje muito, muito fraco.

LACAIO (para todos em volta):

- Uma maçã e uma faca! Eu vos peço, trazei,
para que eu possa consolar o meu rei!

(O Diabo traz o que foi pedido. O Capitão e o Soldado voltam à Companhia. O Anjo sobe na banquetta atrás do trono. Depois, vira a estrela para baixo. Na outra mão ele traz uma coroa com chamas pintadas.)

O ANJO (canta):

“Mataste os meninos, tirano cruel,
porém suas almas voam ao céu.
Agora, vê, tua sorte
há de ser tua própria morte.”

HERODES (ao Lacaio):

- Há um clarão de luz ao redor de mim.
Minha vida decerto chega ao fim.
Corre, Lacaio, e traz aqui o mais leal
dos meus capitães, o melhor oficial.

(O Lacaio vai buscar o Capitão e o Soldado que estavam junto da Companhia.)

HERODES:

- Capitão, capitão, presta bem atenção!
Antes de morrer, uma coisa te digo:
o mundo confundiu meus sentidos;
o Diabo me tentou, e agora eu vou
em direção ao Jardim de Abraão.

O ANJO:

- Diabo, espera por ele um pouquinho
e leva-o para casa, onde é seu ninho.
Ele sempre te serviu tão bem...
Veste-o com belos trajes de rei
e não te esqueças
de lhe pôr a coroa do inferno na cabeça. (O Anjo sai.)

CAPITÃO, LACAIO e SOLDADO:

- De que valem o trono,
o cetro e a coroa?

Cetro e realeza,
tudo passa e se esboroa.

(O Lacaio, o Capitão e o Soldado vão juntar-se à Companhia.)

DIABO (a Herodes):

- Deita-te, cão! Fica deitado!

Devoraste todo o soro
e deixaste o queijo no prato.

HERODES:

- Deixa-me viver só mais um pouco, Diabo,
e com uma junta de bois serás presenteado.

DIABO:

- Nada disso! É a ti que eu quero do meu lado!

HERODES:

- Deixa-me viver só mais um pouco, Diabo,
e com uma junta de cavalos serás presenteado.

DIABO:

- Nada disso! É a ti que eu quero do meu lado!

HERODES:

- Deixa-me viver só mais um pouco, Diabo,
e metade do meu reino te será dado.

DIABO:

- Mas para que toda essa discussão,
se ficarás para sempre do meu lado?
Muitos outros também irão;

não serás o único a ser levado.

Espera! Quero ver se és muito pesado.

(O Diabo põe-se a pular ao redor do trono, agarra Herodes pelo pescoço e, ao pronunciar a última quadra, arranca-o do trono.)

- Eu atrelo uma parelha de ratos;
eu atrelo uma parelha de gatos;
eu atrelo uma parelha de camundongos:
corre, corre por aí aos tombos!

(Sai com Herodes, que vai gritando, enquanto o palco escurece.)

CAPITÃO (aproxima-se após uma pausa):

- Oh! Que fez o meu rei e senhor!

Tantas crianças mandou matar...

Ah, se eu tivesse pensado melhor,
eu não as iria assassinar.

(após outra pausa)

Ah, se eu pudesse,
na árvore mais alta eu ia me enforcar.

Ah, se eu pudesse,
no mar profundo eu ia me atirar.

Mas eu hei de me vingar do meu rei:
e com esta espada me atravessarei.

(O Capitão cai sobre o trono. Pausa no escuro. A Companhia ergue-se, o Capitão junta-se a ela, e todos andam pelo palco, cantando.)

A COMPANHIA:

“Cantai, sim, com alegria!

Jesus, o Messias, rege o mundo inteiro
e é filho de Maria.

Está deitadinho

entre o boi e o burrinho.

‘Nana, nana, nana, nana,

ó Jesus, tu és meu, eu sou teu.’

Corre, dança, toca e canta!

Jesus nasceu! Oh, que grande alegria,

o filho de Maria, Maria!

Para sempre afastou de nós a dor,

com amor, com amor.

Faz com que nós cheguemos logo

perto de tua luz,

de tua luz,

ó Cristo Jesus!”

(Findo o canto, a Companhia se coloca em semicírculo por trás do Anjo, que vai falar. Quando o Anjo termina, todos vêm para a frente e se inclinam.)

ANJO:

- Cavalheiros honrados, generosos e sábios,

senhoras virtuosas e donzelas formosas,

espero que não vos tenhais zangado

por nossa arenga terdes escutado.

Não leveis a mal tão fraca ciência,

mas considerai nossa pouca inteligência.

E, se acaso dissemos algo errado

e se não fomos bastante delicados,

pensai que sempre existe em tudo

um lado bom e proveitoso.

E que Deus Todo Poderoso

dê uma boa noite a todo mundo!

F I M